

Cracolândia leva comércio no centro de SP a fechar



Usuários de droga da cracolândia em frente a comércio fechado na rua Guaianases, entre as ruas Vitória e Aurora, na região central de São Paulo

Cracolândia faz comerciantes fecharem as portas no centro de SP

Ao menos 23 estabelecimentos deixaram de funcionar na região da Santa Ifigênia e Campos Elíseos

Paulo Eduardo Dias e Mariana Zylberk

SÃO PAULO Ao menos 23 comerciantes fecharam as portas nos últimos três meses na região da rua Santa Ifigênia e no bairro de Campos Elíseos, no centro de São Paulo, após a chegada de usuários de drogas da cracolândia que antes ocupavam o entorno da praça Júlio Prestes, e poucos quilômetros de distância.

A Folha percorreu as ruas Guaianases, dos Gusmões, Conselho Nébias, General Osório, Vitória e Aurora na semana passada e contou o número de estabelecimentos sem funcionar com placas de aluga-se ou vende-se.

Na rua Guaianases, entre as ruas Vitória e Aurora, há metade de um quarteirão com lojas desocupadas. Ao lado, um estacionamento também encerra as atividades.

Em determinadas horas do dia, a rua se torna intransitável devido à aglomeração de usuários de drogas.

A maior parte dos comércios fechados são lojas de peças para motocicletas e oficinas, mas há também uma agência da Caixa Econômica transferida da rua Vitória e um restaurante italiano que funcio-

nava desde 1971 na rua Aurora. O fluxo, como é chamada a concentração de usuários de drogas da cracolândia, se espalhou pelas ruas do centro há dez meses, desde a ação policial que esvaziou a praça Princesa Isabel, em maio do ano passado.

Antes de ocupar a praça, os dependentes químicos se reuniam no entorno da estação da Luz.

"A cracolândia me quebrou", diz o empresário Júlio Cesar, 52, dono de uma loja e de uma oficina de motos na rua dos Gusmões. Ele se mudou em fevereiro para um outro ponto na zona sul de São Paulo.

Com a chegada do fluxo, o empresário conviveu alguns meses com aglomerações de usuários em sua porta.

"Minha oficina e minha loja são especializadas em Harley-Davidson. Quem tem uma Harley-Davidson é um público diferente. Com essa multidão de drogados na porta da minha loja, ninguém mais quer vir para cá", afirmou em entrevista para a Folha antes de deixar o local.

Para ele, a quantidade de roubos é um dos fatores que contribuem para que a região central passe a ser evitada pelos clientes. "Fica saindo na televisão, [que] estão

roubando pra caramba, e estão de verdade. Foi caindo o meu movimento, caindo, eu quebrei".

Júlio Cesar conta que recebeu uma proposta de ajuda de um amigo, dono de um imóvel na região da avenida Ricardo Jalek, no Ipiranga, zona sul, para se resgatar.

"Ele me deu seis meses de aluguel, para eu pagar lá na frente, para eu me estabilizar. Estou saindo com uma mão na frente e outra atrás. Perdi tudo, 30 anos de centro", diz.

O comerciante afirma que, mesmo mantendo uma relação cordial com os usuários de drogas, ficou difícil trabalhar nos últimos meses. E diz que deixa a região com aperto no coração, principalmente por ter que se desfazer dos bens que conquistou.

"A partir do momento que você começa a perder todas as coisas que você conseguiu com o teu trabalho, é triste demais. Eu estou saindo daqui muito triste. Gastei uma fortuna para deixar a loja desse jeito. Estou indo para um lugar que não está pronto. Vou para o meio dos escombros, mas paciência".

E continuou: "O que me sobrou foram minhas motos e meu carro. Acabei de falar pa-

ra o meu gerente: 'bota tudo à venda, porque eu não tenho mais dinheiro'".

Comerciante de itens eletrônicos, Adão Alves de Abreu, 64, tem uma loja na rua Aurora há 17 anos e afirma que está em busca de um novo ponto desde que a cracolândia se instalou na porta de seu comércio.

"Não recebo mercadoria porque a transportadora não vem. O cliente também não vem porque os carros de aplicativo marcam aqui como zona de risco", afirma.

Ele conta que trabalha só com a sobrinha porque o funcionário pediu demissão após ter tido o celular roubado ao sair do trabalho. "Um cliente veio aqui e nem desceu do carro. Tive que entregar a mercadoria no meio da rua", lembra.

"Nunca mais eu venho aqui, ele me disse".

Para o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Alfredo Cotait Neto, o fechamento recorrente de estabelecimentos comerciais no centro é um processo em curso há mais de dez anos.

"Até 2011, mais de mil ônibus de turismo vinham diariamente de todas as partes do país e do Paraguai para fazer compras no centro de

São Paulo. Hoje, não passam de 300 ônibus", diz.

A associação não dispõe de um levantamento formal sobre o êxodo de comerciantes da região central, mas Cotait Neto calcula haver uma queda vertiginosa da atividade no local.

"O comércio de rua vive do dia a dia e quando tem que ficar fechado não consegue retomar seu negócio", afirma.

Para o coordenador do Instituto Polís, Rodrigo Iacovini, o encerramento de atividades do comércio é reflexo de um problema maior do que a cracolândia. "A economia não está aquecida, e o impacto é generalizado", diz.

Além disso, Iacovini cita a falta de investimentos do poder público no centro da cidade como agravante.

"A situação da cracolândia é consequência da falta de entendimento do poder público de que [os usuários de drogas] são sujeitos de direito que precisam de políticas públicas adequadas".

Em nota, a equipe do prefeito Ricardo Nunes (MDB) informou que intensificou o patrulhamento nas ruas do centro e que instalou 2.500 câmeras de segurança em pontos com maiores índices de criminalidade.

As equipes de zeladoria executam três operações de recolhimento de lixo e limpeza das vias diariamente, segundo a administração.

A 1ª Delegacia Seccional do Centro, responsável pela cracolândia, afirmou que tem feito prisões para coibir o tráfico de drogas na região. Desde janeiro, 20 pessoas foram detidas, sendo 14 por comércio de entorpecentes.

Comércios fecham as portas no centro após chegada da cracolândia



Dados cartográficos ©2023 Google

Governo Tarcísio adia entrega de centro para dependentes químicos e instalação de câmeras

SÃO PAULO O centro de triagem para dependentes químicos anunciado pelo governador Tarcísio de Freitas (Republicanos) há cerca de dois meses está com as obras atrasadas. As 300 câmeras com inteligência artificial prometidas na mesma ocasião ainda não foram instaladas nas ruas onde há aglomeração de usuários. A previsão inicial é que elas comecem a funcionar até o fim deste semestre.

As duas medidas foram anunciadas pelo governador

no fim de janeiro como emergenciais dentro de um pacote de iniciativas para a cracolândia e com previsão de entrega até o fim deste mês.

Segundo a gestão, as obras estão em andamento e serão entregues até fim de março. Em relação às câmeras, o governo diz que está mantida a previsão de que comecem a funcionar em até seis meses.

As obras em andamento irão transformar o Cratod (Centro de Referência de Alcool, Tabaco e Outras Dro-

gas), localizado em frente ao par que da Luz, na região central, em um centro que irá funcionar como porta de entrada para os dependentes que buscam tratamento.

O local terá 40 vagas para acolhimento e espaço para a atuação de coletivos da sociedade civil que atuam no território, como associações e igrejas que distribuem refeições na cracolândia.

A ideia do governo é conduzir os usuários abordados que aceitem tratamento até o

Cratod de onde serão encaminhados às unidades de saúde.

A Folha apurou que as chuvas constantes dos últimos dias e a tragédia no litoral norte, que mobilizou boa parte do governo estadual, estão entre as causas para os atrasos na obra.

Outra promessa do governo estadual ainda não deflagrada é a contratação de profissionais especializados em abordagem de usuários. Hoje, o trabalho é feito apenas por funcionários contratados pela prefeitura.

Segundo a gestão, a contratação está sendo feita pela mesma entidade contratada para gerenciar o Cratod.

O governo de São Paulo vai transferir, até o começo de abril, a gestão do Cratod para a organização social de saúde SPDM (Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina). A informação foi passada à reportagem por funcionários do local.

Segundo o governo paulista, o convênio prevê que todos os serviços que já acontecem na unidade serão continuados sem quaisquer prejuízos ao cidadão.

"O Cratod seguirá como porta de entrada dos usuários que procuram ajuda no tratamen-

to, com o mesmo perfil do CAP-Sad (Centro de Atenção Psicossocial de Alcool e Drogas)", diz nota enviada pelo governo.

O Cratod existe desde 2002 e atende principalmente dependentes químicos da região da cracolândia.

Cerca de 160 funcionários da SPDM já atuam nas equipes de atendimento multidisciplinares do Cratod por meio de convênio.

Os demais, que somam pouco mais de 100 servidores públicos, foram comunicados pelo RH nesta terça-feira (14), de que serão transferidos a outros serviços e para isso deverão apresentar duas opções de locais para a realocação.

MZ e Patrícia Pasquini

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano Caderno: B Pagina: 1